EXPOSIÇÃO REÚNE 11 OBRAS DE PIERRE-AUGUSTE RENOIR NO CENTRO CULTURAL DO TCU. PINTURAS PERTENCEM AO MASP E FAZEM CIRCUITO POR CIDADES BRASILEIRAS

IMPRESSÕES DA LUZ NA PELE



Fotos: Divulgação

***Vênus vitoriosa* (1916): escultura foi inspirada na mitologia grega**



As banhistas são um tema clássico na história da arte, e Renoir gostava de pintar mulheres

» NAHIMA MACIEL

Simetria excessiva, peles que não interagem com a luz, mulheres muito magras, figuras masculinas e traços perfeitos não tinham interesse algum para Pierre-Auguste Renoir. O pintor de retratos mais celebrado do impressionismo queria modelos cuja pele "pegue bem a luz" e não tinha problemas em declarar: "Não preciso de belezas clássicas". É exatamente esse o fio condutor da exposição *Renoir*, que reúne, no Centro Cultural do TCU, 11 das 13 obras do pintor francês pertencentes ao acervo do Museu de Arte de São Paulo (Masp).

É uma oportunidade única de conferir um conjunto que é, também, o maior de um pintor europeu na coleção do museu paulistano. A exposição, que tem curadoria de Adriano Pedrosa, Fernando Oliva e Rodrigo Ferreira, faz parte do projeto *Masp em dois tempos: Renoir e Joseca Yanomami*, que leva obras dos dois artistas para uma circulação nacional. Renoir pode ser visitada até 14 de fevereiro de 2027. Depois, o TCU recebe a produção de Yanomami. "Fico muito contente que essas obras estejam saindo do Masp, porque é importante do ponto de vista de formação do público", diz Juliana Guide, historiadora e professora da Escola Masp, que veio a Brasília para acompanhar as obras.

Pierre-Auguste Renoir foi um pintor extremamente produtivo e um retratista dedicado. Enquanto Claude Monet mirava as paisagens, Renoir queria saber de rostos e corpos e tinha um interesse especial pelos universos feminino e infantil. "É muito fácil falar do Renoir nessa exposição porque a gente consegue ir passando de uma fase para outra com muita tranquilidade", avisa Juliana. O registro das cores sob a luz natural, pinceladas rápidas aparentes e temas cotidianos formavam a tríade do impressionismo que conquistou um grupo de pintores franceses interessados em romper com as diretrizes da arte acadêmica predominante no fim do século 19.

Depois de quase 300 anos de tradição na busca da perfeição das ilusões de ótica que permitiam imprimir realismo, volumetria, profundidade, movimento e perspectiva às pinturas em duas dimensões, esses jovens franceses decidiram deixar os truques de lado e explorar técnicas mais cruas e naturalistas. "O que os impressionistas estão tentando fazer é não usar esses truques", explica Juliana. "Eles querem pintar de outro jeito, eles concebem a maneira como a luz interage com as coisas de outra maneira e querem fazer isso nas obras. E essa ruptura vai acontecer na pintura. O Monet vai fazer isso pintando paisagem, mas o Renoir gosta da figura humana, gosta de gente e gosta, principalmente, de representar mulheres e crianças."



O olhar cansado da Condessa Pourtalès (1877) revela as nuances das expressões pintadas por Renoir

A exposição reúne obras nas quais é possível acompanhar o desenvolvimento técnico do interesse do artista. De um tratamento mais acadêmico em *A banhista e o cão griffon — Lise à beira do Sena* (1870), ao desprendimento total da precisão dos traços em *Dama sorrindo (retrato de Alphonsine Fournaise - 1875),* o pintor transita entre a devoção ao clássico da luz e sombra e o experimento total com as cores e a luminosidade. A crise diante do impressionismo levado ao extremo aparece em *Menina com as espigas* (1888), cujo olhar tem uma profundidade marcante. O tema da nudez também perpassa algumas obras, como *Banhista enxugando o braço direito* (1912) e *Banhista enxugando a perna direita* (1910), uma cena frequente na história da pintura e na qual Renoir podia explorar as texturas surgidas da interação entre pele e luz. Em retratos como o de *Marte Bérard* (1879) e da *Condessa Portalès* (1877), é nas expressões e nos jogos de cores que dão uma sensação de translucidez e maciez aos tecidos — o pintor era filho de costureira e alfaiate — que repousa o mistério.

Obras como essas causaram uma revolução na cena artística europeia e permitiram a abertura de portas para novas maneiras de representar. Formado na tradicional Escola de Belas Artes de Paris, Renoir trabalhou como decorador, pintor de cortinas e de porcelana antes de rejeitar a pintura acadêmica. Foi reconhecido em vida, sobretudo graças aos retratos que fazia para a elite francesa. O mais conhecido deles na coleção do Masp é o *Rosa & Azul,* que não está emprestado e, por isso, não integra a exposição em Brasília, mas é tema de uma sala imersiva que conta a história do quadro e das duas meninas.

As obras do museu foram compradas logo após a Segunda Guerra, quando muitas famílias e colewcionadores tentavam se reorganizar após a devastação causada pelo nazismo. Com dinheiro angariado junto às elites brasileiras, Assis Chateaubriand e Pietro Maria Bardi rodaram a Europa em busca de obras dos nomes mais importantes da arte mundial para formar a coleção da instituição. É desse período a aquisição das 13 pinturas de Renoir, reunidas pela primeira vez em uma única exposição para o projeto itinerante que hoje desembarca em Brasília.

RENOIR

Curadoria: Adriano Pedrosa, Fernando Oliva e Rodrigo Ferreira. Visitação até 14 de fevereiro, e terça a domingo, das 9h às 18h, no Centro CUltural TCU (Setor de Clubes Esportivos Sul, Trecho 3)

JULIANA GUIDE//TRÊS PERGUNTAS

Quais seriam os três pontos aos quais o visitante deve ficar atento quando se trata da obra de Renoir?

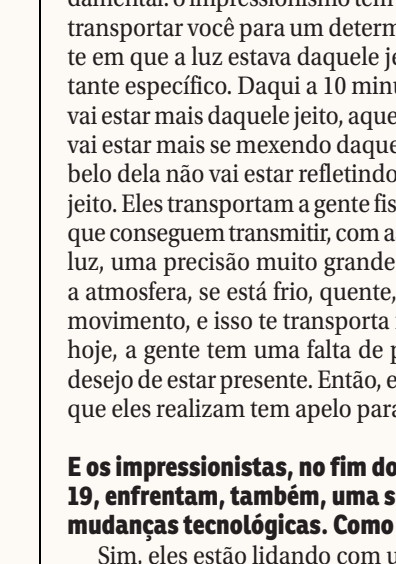
Primeiro, o impacto que essas pessoas que estão representadas trazem. O que que você consegue perceber sobre elas? O Renoir é um exímio retratista, ele é particularmente bom em captar, através de sutilezas, coisas da personalidade das pessoas, do estado de espírito. E a primeira impressão que você tiver provavelmente vai informar alguma coisa sobre esse sujeito. A segunda coisa é que ele é um grande fã do corpo feminino, do nu feminino. Então, é importante observar como esse nu feminino aparece pelo olhar de alguém que o acha esteticamente belo em muitos níveis. Observe como o corpo feminino se comporta tridimensionalmente e sensorialmente, em termos de textura. É um corpo mais curvilíneo, algo que interessa ao Renoir como artista. E outra coisa é perceber fases diferentes da produção. Em uma, ele está mais conectado com as modificações do impressionismo, em outra, ele mistura isso com a tradição da pintura, com coisas novas de técnica, com diferenças de foco. Isso vai informar sobre como ele está pensando e essa é uma contribuição muito legal dessa exposição.

Por que o impressionismo continua mobilizando tanto público? São pinturas que têm mais de 120 anos e Renoir conhecido no mundo inteiro...

Sim. Olha, essa é uma boa pergunta. Hoje você precisa lembrar às pessoas que esses eram artistas muito radicais . Eles eram disruptivos, estavam à margem, estavam fazendo uma coisa que ninguém achava razoável fazer. Entre eles, tinha aceitação, mas, via de regra, era visto como uma coisa 'nossa, aí não!'. O impressionismo, para a época, é como se fosse um esboço de quadro. E, para nós, hoje, é o contrário. São artistas que a gente consegue ter uma fruição que não passa por nada desse tipo. E acho que isso tem a ver com os temas e com uma coisa fundamental: o impressionismo tem como objetivo transportar você para um determinado instante em que a luz estava daquele jeito. É um instante específico. Daqui a 10 minutos, a luz não vai estar mais daquele jeito, aquela criança não vai estar mais se mexendo daquele jeito e o cabelo dela não vai estar refletindo a luz daquele jeito. Eles transportam a gente fisicamente porque conseguem transmitir, com as condições da luz, uma precisão muito grande de como está a atmosfera, se está frio, quente, se tem vento, movimento, e isso te transporta fisicamente. E hoje, a gente tem uma falta de presente e um desejo de estar presente. Então, esse transporte que eles realizam tem apelo para nós.

E os impressionistas, no fim do século 19, enfrentam, também, uma série de mudanças tecnológicas. Como isso influi?

Sim, eles estão lidando com uma revolução tecnológica tão profunda quanto a que a gente vive. Eles vão pegar a segunda revolução industrial em cheio, então, é ferrovia, são os materiais industriais, sintéticos, na própria pintura, a fotografia, o desenvolvimento da medicina científica, de todas as disciplinas científicas, anestesia, roda gigante, sorvete, o que você quiser. Eles têm que lidar com uma modificação muito geral do que é ser uma pessoa e, nesse sentido, a gente está próximo deles, a gente consegue entender o desafio. E eles registram isso de uma maneira tão forte que, até hoje, boa parte da imagem que a gente tem dessa época vem das imagens que eles criaram.



Em *Menina com as espigas*, o pintor cria luminosidade a partir do domínio das cores